

MAURICE HALBWACHS: A MEMÓRIA COLETIVA¹

Sônia Érika Kátia do Amaral Tognoli¹

soniatognoli@hotmail.com

RESUMO: Após breves considerações sobre o conceito de memória, da antiguidade greco-latina aos tempos atuais, este trabalho focaliza a contribuição de Maurice Halbwachs ao estudo do que denomina "contextos sociais da memória". Para Halbwachs, memória significa reconstrução, e é impossível recordar fatos passados e localizar essas lembranças, sem pontos de referência nos contextos sociais. Examinam-se, portanto, seus conceitos de memória coletiva, a memória como fenômeno social, e, na seqüência de memória histórica, como relato racional dos fatos da humanidade, os quais vêm a se tornar documentos. Ressalta-se, ainda, a importância da memória coletiva como veio histórico, em uma historiografia que, ao lado de documentos e arquivos, valorize a memória coletiva do povo.

ABSTRACT: After a brief overview of the concepts of memory from Greco-Roman antiquity to the present, this paper focuses on Maurice Halbwachs' contribution to the study of the so-called "social contexts of memory". Halbwachs conceives of memory as reconstruction, since it is impossible to remember past events and locate them in the past, without referring to some markers in the social environment. The discussion includes Halbwachs' concepts of collective memory, that is, memory as a social phenomenon, and subsequently his concepts of historical memory as rational documental reports of facts in the history of mankind. This paper emphasizes further the importance of collective memory as an instrument of the kind of historiography that looks up to people's collective memory, on a par with documents and archives.

PALAVRAS-CHAVE: Halbwachs. Memória individual e coletiva. Memória histórica.

KEYWORDS: Halbwachs. Individual and collective memory. Historical memory.

¹ Trabalho orientado pela professora Dra. Mail Marques de Azevedo

INTRODUÇÃO

Não haveria passado se não houvesse memória e, conseqüentemente, não existiria a história. A memória representa o ponto de interseção entre a identidade do indivíduo e a história de vida que a moldou, assim como é da memória coletiva que se origina a identidade de um povo e a sua história. Não haveria forma de reconstituir o passado, se não houvesse registros preservados na memória do indivíduo, ou na memória coletiva do grupo social a que pertence.

Passando por constantes e complexas modificações, o conceito de memória, bem como a valorização da capacidade de lembrar, varia de acordo com a sociedade e a cultura de cada época. Na Grécia Antiga, as explicações sobre memória se davam através de metáforas, ou eram atribuídas a dons liberados pelos deuses. Mnemosine, uma das seis titânidas, filhas de Ouranos e Gaia (o Céu e a Terra), divindades com funções definidas, representa a "Memória", ou, mais comumente a "Lembrança". São princípios abstratos, cuja presença entre as divindades primordiais é testemunho de uma reflexão sobre as condições essenciais, necessárias para que se estabeleça a "ordem do Mundo". É Mnemosine que garante a duração temporal deste mundo, principalmente a duração espiritual, relacionada à capacidade humana de lembrar.

Em Roma, a memória era vista como essencial, imprescindível, haja vista que o orador, de acordo com as regras da retórica, não poderia recorrer ao discurso escrito. Deveria, portanto, obrigatoriamente ter boa memória, sob pena de perder a credibilidade e até mesmo o seu ofício. Ou seja, valorizava-se a memória enquanto meio de conservar informações. Segundo Zilda Kessel, "o poeta Cícero explicou a memória fazendo uma analogia às marcas deixadas na cera pelos homens" (2008, p.1).

Já no período medieval, a memória adquiriu lugar de destaque devido à religiosidade. Isto porque datas consagradas, dedicações litúrgicas, dia dos santos, enfim, toda a tradição litúrgica deveria ser memorizada, bem decorada mentalmente para se transformar, sempre que necessário, em ações da Igreja, no contexto de uma população analfabeta em sua quase totalidade.

As modificações expressivas nas reflexões acerca da memória acompanham a ruptura com a Escolástica medieval, um processo lento e gradual, mas não menos profundo, que supõe, basicamente, a afirmação absoluta dos valores puramente humanos e da personalidade individual, para cujo êxito o homem renascentista se propôs recuperar a cultura e os ideais da antiguidade clássica. Um novo antropocentrismo vem, por conseguinte, substituir o teocentrismo medieval. O homem renascentista, o humanista, deixa de projetar-se em direção à divindade, como o homem medieval, e se concentra definitivamente em si mesmo, fazendo do eu o único fundamento de sua existência. Acompanhando a crescente secularização,

e a focalização no próprio homem como objeto de interesse e pesquisa, a ciência renascentista promove a utilização da memória no âmago das relações sociais.

É somente no decorrer do século XX, entretanto, que estudos fundamentados em bases epistemológicas diversificadas, conseguem descrever e explicar melhor aspectos relacionados à memória, tais como, lembranças, percepções, representações e imagens. Dentre os diversos pesquisadores de destaque nesse campo, este trabalho focaliza a contribuição de Maurice Halbwachs ao estudo dos "contextos sociais da memória", este o título de seu livro, publicado em 1925. Para Halbwachs, memória significa reconstrução, e é impossível recordar fatos passados e localizar essas lembranças, sem pontos de referência nos contextos sociais. Suas pesquisas, em conseqüência, abrem caminho para o estudo sociológico da vida cotidiana, e sugerem abordagens profícuas para a análise de textos autobiográficos e memorialistas.

Discípulo de Henri Bergson, Halbwachs vem a questionar alguns dos conceitos e abordagens do mestre, basicamente, a natureza e o funcionamento da memória, como individual ou coletiva. O ensaio do primeiro sobre *matéria e memória* - intitulado *Matéria e memória*, na edição brasileira - coloca o problema da inserção do espírito no mundo material, afirmando que a integralidade do passado se conserva na memória e que o cérebro apenas filtra as lembranças úteis à ação presente. A heterogeneidade do espírito e do corpo, a independência e a provável imortalidade do primeiro, são temas recorrentes na obra do filósofo francês.

Para Bergson, a filosofia, à semelhança da ciência, deve desconsiderar teorias e sistemas universais, a fim de se concentrar em problemas específicos, cada um dos quais exige um ponto de vista diferente. Seu trabalho se traduz, portanto, na busca contínua de uma adaptação precisa à realidade. *Matéria e memória*, por exemplo, contém considerações minuciosas sobre o problema da afasia, o que leva a um estudo aprofundado dos meios - a própria memória - que garantem a continuidade da existência. A memória estaria, assim, associada ao lado subjetivo do conhecimento, isto é, do conhecimento que o indivíduo tem acerca das coisas, como elo entre a matéria e o espírito.

Como introdução a seu importante estudo *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos, Ecléa Bosi (2000) dedica um item de algumas páginas ao comentário dos conceitos bergsonianos, intitulado "Bergson, ou a conservação do passado". Na sequência, denomina "Halbwachs, ou a reconstrução do passado" a parte do capítulo em que aborda o tratamento da memória como fenômeno social, próprio do autor. Os termos "conservação" e "reconstrução" estabelecem apropriadamente a diferença de abordagem dos dois estudiosos. Bergson vê a lembrança enquanto conservação total do passado no indivíduo, ao passo que Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo, e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade.

Bosi considera que "Bergson esforçou-se no sentido de conceder à memória um estatuto espiritual diverso da percepção. E foi justamente a importância dessa distinção, e tudo quanto ela comporta de ênfase na pureza da memória, que vai ser relativizado pela teoria psicossocial de Maurice Halbwachs" (BOSI, 1979, p.16). O estudo da conceituação de memória, na visão de Halbwachs, é justamente o foco deste trabalho.

A MEMÓRIA COLETIVA E A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO.

Tratando brilhantemente tanto das ciências do espírito quanto das ciências sociais, Maurice Halbwachs contraria a abordagem de seu mestre e precursor Bergson, no que diz respeito à memória como conservação do passado:

(. . .) para nós, ao contrário, não subsistem, em galeria subterrânea de nosso pensamento, imagens completamente prontas, mas na sociedade, onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nós representamos de modo incompleto ou indistinto, ou que, até mesmo, cremos que provêm completamente de nossa memória. (HALBWACHS, 2006, p.77)

Em sua opinião, não existe memória individual isolada, pois não é possível ao indivíduo deixar de interagir com o meio, e, conseqüentemente, de sofrer sua influência. Daí o conceito de memória como reconstrução do passado no contexto social.

Quando se tem lembranças, mesmo particulares, ou como se poderia dizer, individuais, elas não o são realmente, pois toda lembrança remete a um contexto de interação com o exterior, quer seja com a política da época, quer seja com os costumes sociais, quer seja com o grupo ao qual se pertence. De qualquer maneira, nunca será individual. Seu argumento de que a origem da memória coletiva ocorre na interação e no significado comum que a lembrança tem para o grupo constitui uma referência direta aos preceitos weberianos (ENNE, 1992).

Halbwachs afirma que jamais pretendeu reduzir o homem ao coletivo, mas sim examinar sua memória enquanto sujeito inserido na trama coletiva, para que pudesse afirmar a existência da memória individual que, a seu ver, é totalmente inserida no social, ou seja, direcionada aos acontecimentos coletivos. Assim, a memória individual está sempre aliada a um acontecimento social, coletivo:

Se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela, nem por isto deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância. (HALBWACHS, 2006, p. 49)

Observa-se, ainda, que, embora memórias individuais de acontecimentos isolados nada tenham a ver, por vezes, com um fato acontecido em uma determinada

época, geralmente serão mais facilmente visualizadas a partir de um acontecimento coletivo, que naturalmente marcou data. Ao invés de reproduzir o passado, a memória o reconstrói, a partir de experiências coletivas. Para exemplificar, o sociólogo afirma que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que “este ponto de vista muda conforme o lugar que eu ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (2006, p. 51).

A memória consiste em trabalho, não é apenas um imaginário, um sonho, pois lembrar não seria reviver, mas sim reconstruir, na atualidade, as experiências do passado. É muito mais do que recuperar o passado, pois busca os fatos estando-se no presente. Quando se está vivenciando o hoje, a memória adquire dinamismo, torna-se viva, porque responde àquilo que se busca para resolver as questões do momento.

A memória coletiva concentra todo o conjunto de acontecimentos sociais e culturais que foram importantes para uma coletividade, que procura manter viva, no inconsciente coletivo, todas as crenças e costumes que, em algum momento foram estabelecidos. É preciso lembrar, no entanto, que a memória é coletiva, mas a sua elaboração e o ato de lembrar são sempre individuais. Seria possível, portanto distinguir duas memórias: uma interior ou pessoal; a outra exterior ou social; ou, mais precisamente ainda, uma memória autobiográfica e uma memória histórica.

Na memória autobiográfica estaria incluída a memória histórica, pois a história da vida de cada indivíduo está incluída na história dos grupos. A memória histórica, porém, é bem mais ampla do que a memória autobiográfica, pois engloba todo um passado, embora de maneira resumida e esquemática.

Para Ecléa Bosi, a única maneira correta de se saber qual a forma predominante de memória de um indivíduo seria através de sua autobiografia. Somente ao ouvir o indivíduo contar suas lembranças é que se constata a sua real memória. Por ter presenciado muitos fatos, o ancião possui uma lembrança rica de detalhes diversos. Continua a autora:

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda, repassada pela nostalgia, revolta, resignação, e pela ausência dos entes amados. O indivíduo que já viveu por muito tempo, que está velho, ao lembrar o passado não está descansando, nem se entregando a devaneios. Ao contrário, ele está trabalhando, reconstruindo consciente e atentamente o próprio passado, fazendo com que a história se reproduza para passá-la de geração em geração, gerando muitas outras histórias que prolongam a original através da memória de outras pessoas (1994, p. 78)

Não se pode negar a profunda associação que existe entre a memória autobiográfica e a histórica; entre a memória coletiva e os imaginários sociais.

Memória coletiva e memória histórica

Quanto à memória histórica, sabe-se que procura relatar racionalmente e com legitimidade os fatos da humanidade, os quais vêm a se tornar documentos.

No momento, observa-se maior valoração da memória histórica brasileira, e a preocupação em preservá-la, pois este é o único meio para o resgate da cidadania e dos valores culturais dos antepassados. Espera-se que seja reconhecida a importância da memória coletiva como veio histórico, em uma historiografia que, ao lado de documentos e arquivos, valorize a memória coletiva do povo.

As palavras memória e história evocam o passado, mas não devem ser confundidas, pois a história, na leitura de Halbwachs, começa justamente onde a memória acaba, ou seja, quando deixa de ter o suporte de um grupo, pois a memória é sempre vivenciada, seja de forma física ou de forma afetiva. Quando desaparecem os grupos de suporte da memória, "a única forma de salvar as lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem" (HALBWACHS, 2006, p. 80).

A história é escrita e impessoal. Se grupos com suas construções desaparecem e deixam espaço para que outros surjam, é sinal de que não foram registrados pela escrita. Memória, por outro lado, é a lembrança que se renova em uma história que foi vivida, mas que continuará sempre viva.

Para Halbwachs, considerando que a lembrança é construída por situações presentes no íntimo das representações que formam a consciência da atualidade, o passado jamais poderia permanecer incólume. Isto porque, uma vez que a percepção sofre alterações ao longo dos anos, qualquer recordação, da infância, por exemplo, por mais verdadeira que pareça, não representa exatamente o fato como ocorreu no passado longínquo.

Ao asseverar esta posição, Halbwachs contraria diametralmente Bergson, que postula a lembrança do passado como sendo totalmente preservada pela memória individual:

Lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente. (...) Podemos chamar de lembranças muitas representações que repousam, pelo menos em parte, em depoimentos. (HALBWACHS, 2006, p. 71-72)

Prosseguindo, ele se pergunta sobre a condição necessária para que haja memória: Que o sujeito lembre, tanto indivíduo ou grupo? Que tenha o sentimento de que busca suas lembranças num movimento contínuo? Como a história poderia ser uma memória, uma vez que há uma solução de continuidade entre a sociedade que lê essa história, e os grupos testemunhas ou atores, outrora, dos fatos que ali

são narrados? (HALBWACHS, 2006, p. 82).

Pelo fato de, na idade adulta, não se poder manter o mesmo sistema de representações, hábitos e relações sociais da infância, torna-se praticamente impossível conservar totalmente a lembrança do passado. Convém lembrar, além disso, que as mudanças de ambiente atingem a qualidade íntima da memória, o que provoca a ligação da memória individual à memória do grupo e desta à memória coletiva de cada sociedade.

Enfim, a memória do indivíduo depende de sua relação com diversos aspectos da vida social, como a família, a classe social a que pertenceu e aquela a que pertence no momento; as escolas que freqüentou, e os grupos de referência com que conviveu.

Como assevera Halbwachs, em sua perspectiva "a memória é a possibilidade de recolocação das situações escondidas que habitam na sociedade profunda, na sensibilidade" (2006, p. 67-68). O autor defende, portanto a renovação permanente das lembranças, evidenciando as diferenças entre memória e história, até mesmo pela maneira como ambas se relacionam com o tempo: para que exista memória é preciso que haja um sentimento de continuidade retendo a memória, pois ela não desune o passado do presente. Assim se expressa ele:

A memória não faz corte ou ruptura entre passado e presente porque retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo. Quando um período deixa de interessar ao período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: há, na realidade, dois grupos que se sucedem. A história divide a seqüência dos séculos em períodos, como se distribui o conteúdo de uma tragédia em vários atos. Porém, enquanto em uma peça de um ato para outro a mesma ação prossegue com os mesmos personagens que permanecem até o desenlace de acordo com seus papéis, e cujos sentimentos e paixões progridem num movimento ininterrupto, na história se tem a impressão de que, de um período a outro, tudo é renovado, interesses em jogo, orientação dos espíritos, maneiras de ver os homens e os acontecimentos, tradições também e perspectivas para o futuro, e que se, aparentemente reaparecem os mesmos grupos, é porque as divisões exteriores, que resultam dos lugares, dos nomes e também da natureza geral das sociedades, subsistem. Mas os conjuntos de homens que constituem um mesmo grupo em dois períodos sucessivos são como duas barras em contato por suas extremidades opostas, mas que não se juntam de outro modo, e não formam realmente um mesmo corpo. (HALBWACHS, 2006, p. 81)

Mas a memória poderá se transformar em um depósito inesgotável de lembranças possíveis, caso não haja ruptura, pois não existe lembrança estática. As vivências do passado renovam-se através de novas gerações, na medida em que vão sendo passadas como histórias ou memórias. Pelo fato de haver descontinuidade entre quem lê uma história e os grupos, isto não constitui memória.

Para Halbwachs, a história que se põe fora dos grupos e acima deles,

(...) não vacila em introduzir na corrente dos fatos divisões simples e cujo lugar está fixado de uma vez por todas. Ela obedece, assim fazendo, somente a uma necessidade didática de esquematização. E considera cada período como um todo, independente em grande parte daquele

que o procede e daquele que o segue. (2006, p. 82)

O autor alerta, ainda, os historiadores para a necessidade de se desprender de datas para os fatos ocorridos, pois o importante não é o que ocorre para aqueles que estiveram presentes aos acontecimentos, independentemente de relatarem fatos pontuais ou curtos, mas que sempre apresentam longa duração. Aqui o autor se refere à história hegemônica aplicada aos estudos de sua época. Entende-se que para o autor o lugar da reconstrução da lembrança não é o acontecimento único, mas o tempo de um determinado grupo.

Tratando da distinção entre memória e história, Pierre Nora constrói uma nova noção para se trabalhar no limiar destas vivências: “os lugares da memória”. Esta noção é cerceada pela aceleração histórica, em virtude dos acontecimentos que vão se desenrolando ao longo do tempo, transformando toda uma situação já conhecida. Assim se expressa Nora:

Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo de terminado, o fim de alguma coisa desde sempre começada. Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais. (NORA, 1999)

A distinção entre história-objeto e história-conhecimento, embora identificada na reflexão de Halbwachs, é explicitada com mais propriedade por Pierre Nora, ao dizer que a história-conhecimento é a operação intelectual que a torna inteligível, sendo ela o contraponto da memória. Observa-se que o sociólogo e o historiador aproximam-se em seus pensamentos. Enquanto a história é registro e reflexão, a memória é todo um contexto de sensações e fatos vivenciados.

Segundo Nora, “a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (1993, p. 30).

Quando Halbwachs cita a história como um registro necessário para o conhecimento futuro, observa que esta é uma operação intelectual. É um registro que por muitas vezes modifica os fatos por não ter memória completa do que não existe mais, do que já foi relatado por diversas pessoas que nem sempre vivenciaram as situações.

Para Nora, “a história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vívido no

eterno presente; a história uma representação do passado. Sendo afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas ou projeções” (1993, p. 32).

Como exposto acima, Halbwachs argumenta que as lembranças permanecem coletivas, até porque elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos individuais, de que não tenhamos participado. Resumindo, em nenhuma hipótese haveria memória individual em sentido estrito.

O autor estabelece uma dicotomia rígida entre coletividade e indivíduo, de uma parte, e entre simplicidade e complexidade de outra, contrapondo memória individual e memória coletiva. A experiência traumática que se observa na conformação da memória pelo autor está explícita, quando ele associa aquele que vivenciou o trauma com os que foram informados do trauma por quem o viveu.

Torna-se praticamente impossível crer em uma relação dialética entre a apropriação subjetiva individual de memória e a memória coletiva, construída historicamente de fatos e interpretações através de muitas gerações.

Lembrar assertivas ou narrativas sobre um passado distante como se estivesse presente, como testemunha ou parte do acontecimento, não parece razoável. No entanto, é possível, como por exemplo, a lembrança do Holocausto, que mostrou ser uma narrativa apropriada para se memorizar, até mesmo por aqueles que não testemunharam a hecatombe, mas que, de certa forma, se viram envolvidos.

Na articulação entre lembrar e lembrar-se, situa-se a dicotomia que Halbwachs estabelece entre memória individual e memória coletiva, sem atribuir a nenhuma delas a supremacia, ou seja, o indivíduo se integra com o tempo histórico. A cultura da memória não precisa ser testada pela história nem pela filosofia, pois o que importa não é a qualidade da origem destas lembranças, mas ter arquivado o passado em que esteve envolvida. Já a memória histórica deve ser a depositária fiel, a produtora correta do passado, fundamentada em dados que advenham de métodos controláveis intersubjetivamente.

É desta forma que se distingue conhecimento do passado e lembrança do passado, ao mesmo tempo concorrente e complementar. Ou seja, constrói-se a história através de lembranças de agentes do passado cruzadas metodicamente com a pesquisa da história.

Por isso, não se pode desconfiar da memória individual ou coletiva, uma vez que as informações ao serem cruzadas fundamentam-se em critérios epistemicamente inatacáveis, pois a coleta de indícios, sua análise e interpretação tornam-se um

apanhado de informações explicativas transpostas para a atualidade. A visão da história é ampla e percebe apenas a soma ou o resultado final das informações, pois examina os grupos de fora, durante um período bastante longo. Já a memória coletiva é o grupo visto de dentro e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana.

De certa forma, a história reproduz o conhecimento registrado no dia-a-dia, quer se trate de um passado distante ou próximo, pois os interesses sempre irão divergir. Embora se pretenda ser imparcial nos trabalhos científicos de resgate histórico, é intrínseco ao ser humano agregar juízos da moral de vencedores ou de sobreviventes dos fatos ocorridos, especialmente quando traumáticos. É difícil distanciar-se do trauma, mas o tempo é responsável pelo afastamento de dores e alegrias, e o tempo historiográfico é sempre posterior ao tempo original, à época vivida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Halbwachs sempre se ateve mais às questões da memória do que da história, pois para o ser humano, segundo ele, o que interessa intencionalmente são valores, idéias ou fundamentos; buscar respostas a todos os fatos ocorridos, sejam eles bons ou ruins, alegres ou dolorosos.

Assim, na memória há registros do presente e do passado que o ajudam a formar sua identidade, de acordo com a sociedade em que vive; com os grupos com os quais se identifica; com os acontecimentos que o envolvem, oriundos da religião que professa, da linguagem com que se comunica, das suas raízes culturais, bem como de seu sistema de produção, organização e hierarquização. Individual ou coletivamente as memórias se associam formando a cultura histórica consolidada. Memória e identidade se entrelaçam, pois, em suas expectativas empíricas ou científicas. A realidade se forma através de cada individualidade ou coletividade comprovada, em todos os momentos, formando a história, contestada por muitos, mas respeitada como registro real de acontecimentos.

É importante ressaltar que, a despeito de como se construiu a memória histórica, por leigos ou profissionais, o que realmente conta é que sua importância se dá na medida em que registra os estágios de desenvolvimento da raça humana.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ENNE, Ana Lúcia Silva. **Memória e identidade social**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Campo Grande: Inter, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.

KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/biblioteca/pdfs/artigomemoriacoletiva.pdf>> Acesso em: 30/ junho/ 2008.

LAROUSSE. **Mythologies classiques**. Paris: Librairie Larousse, 1963.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

¹ Mestranda em Teoria Literária no Centro Universitário Campos de Andrade